



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

1

**GT 2: Africanidades e Brasilidades em Educação**

**GAROA, SAI DOS MEUS OLHOS!  
O CINEMA NA RENOVAÇÃO DO IMAGINÁRIO NEGRO**

Edileuza Penha de Souza<sup>1</sup>

Joana d'Arc Batista Herkenhoff<sup>2</sup>

**Resumo:** Curta-metragem experimental KBELA (2016), de Yasmin Thayná, se reparte em múltiplas linguagens artísticas. Inspirado no filme “Alma no Olho” (1974), de Zózimo Bulbul, o filme trata de empoderamento e autoestima de mulheres negras, possibilitando pensar o cinema negro na contemporaneidade. Nesse sentido, propomos analisar o curta KBELA a partir do imaginário sobre o negro e a cultura africana e afro-brasileira, e também como dispositivo poderoso para o desencadeamento de reflexão sobre igualdade e desigualdade, identidade e diferença no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Cinema; Educação; Cultura africana e afro-brasileira; cinema negro;

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Desenvolve pesquisas na área do audiovisual, com ênfase no Cinema Negro no Brasil e no Continente Africano. E-mail: [souzaedileuza@uol.com.br](mailto:souzaedileuza@uol.com.br)

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) e professora da rede municipal de Serra em licença para estudos. E-mail: [joanadbh@terra.com.br](mailto:joanadbh@terra.com.br).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

2

Garoa do meu São Paulo,  
-Timbre triste de martírios-  
Um negro vem vindo, é branco!  
Só bem perto fica negro,  
Passa e torna a ficar branco.

Meu São Paulo da garoa,  
-Londres das neblinas finas-  
Um pobre vem vindo, é rico!  
Só bem perto fica pobre,  
Passa e torna a ficar rico.

Garoa do meu São Paulo,  
-Costureira de malditos-  
Vem um rico, vem um branco,  
São sempre brancos e ricos...  
Garoa, sai dos meus olhos.

Mário de Andrade

No poema em epígrafe, retirado do livro *Lira Paulistana*, de 1944, a névoa tolda a visão que o poeta tem da cidade, promovendo o engano que transforma a garoenta São Paulo na Londres cinzenta de *fog*, e os vultos dos seus transeuntes pobres, negros em brancos e ricos. Essa visão da realidade, filtrada por lentes europeizantes, constitui o que Mário denominou “moléstia de Nabuco”, para ele, mal que acometia a elite intelectual brasileira de então, impedindo que, em sua devoção ao velho mundo, conseguissem compreender e valorizar a cultura brasileira e também encarar a nossa triste realidade social, formada por brancos ricos e pretos pobres.

Em sua crítica, Mário adianta, de certo modo, a reflexão dos teóricos pós-colonialistas, ao mostrar, mesmo que sutilmente, o apagamento do negro da paisagem social promovida pela persistência de valores remanescentes do colonialismo, a que o peruano Anibal Quijano (2010) denomina colonialidade. Para esse autor

Na América [...] a ideia de raça [...] foi uma forma de dar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. O estabelecimento subsequente da Europa como uma nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

3

européu pelo resto do mundo conduziram ao desenvolvimento da perspectiva eurocêntrica do conhecimento. Desde então, [a ideia de raça] provou ser o instrumento mais eficaz, duradouro e universal de dominação social, dependendo inclusive de outro, igualmente universal porém mais antigo, o intersexual ou de gênero (QUIJANO *apud* COSTA, 2012, p. 46).

É contra a “moléstia de Nabuco”, essa garoa enganosa que evidencia brancos e obnubila negros, contra a colonialidade é que se insurge o poeta no verso que impera: “Garoa, sai dos meus olhos”.

Esse mesmo imperativo está presente no grito que se faz ouvir aflito no curta de 2016, Kbelá, da jovem diretora negra Yasmin Tayná, na voz de uma mulher negra: “Tira!”, na cena em que grampos são tirados do cabelo crespo aprisionado, num processo de libertação “étnico-estética”. O curta metragem rechaça, num combate estético e ético, o racismo que se intersecciona a questões de gênero, remanescendo como expressões do colonialismo em nossa sociedade.

É nessa perspectiva que analisamos o curta metragem Kbelá (2016), buscando pensar sobre como o cinema, na contemporaneidade, como técnica e arte de multiplicar imagens, pode promover a renovação do imaginário sobre a população negra e a cultura africana e afro-brasileira. Visto assim, o cinema se constitui poderoso dispositivo para o desencadeamento da reflexão sobre igualdade e desigualdade, identidade e diferença no contexto escolar, contribuindo, desse modo, para processos de descolonialidade, que superem as colonialidades políticas, econômicas e culturais da produção cinematográfica brasileira, uma vez que consideraremos os aspectos de gênero e raça, nessa análise, não apenas no interior do filme, mas, também, em aspectos relacionados à produção, a partir do conceito “cinema negro”.

A pesquisa “Raça e Gênero no Cinema Brasileiro (2002-2014)”, ao analisar categorias como cor (raça) e gênero de atores, diretores e roteiristas em filmes nacionais de maior bilheteria, lançados entre os anos 2002 a 2014, chama a atenção para a total ausência das mulheres negras nessas produções: “69% dos roteiristas dos filmes analisados são homens brancos, 24% são mulheres brancas



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

4

e 3% são homens negros”; no que diz respeito a elenco, “o espaço das mulheres negras é reduzido: 5% contra 45% de homens brancos, 35% de mulheres brancas e 15% de homens negros”. Esses números são ainda mais desiguais quando analisam a direção: “Entre os filmes analisados, 84% dos diretores são homens brancos, 14% são mulheres brancas e 2% são homens negros”. Ou seja, não há nenhuma mulher negra. (CANDIDO, CAMPOS, 2015)

Em contrapartida a esse cinema tradicional, consolidado como processo de dominação que acompanha o modelo de poder hegemônico global (QUIJANO, 2005), apresentamos o Cinema Negro Brasileiro, como possibilidade concreta de se contrapor à colonialidade, por buscar edificar um cinema como um movimento necessário de pensamentos e ações não racistas, não patriarcalistas, suscitando, por conseguinte, uma outra cosmogonia imagética, a partir de categorias de gênero e raça.

### **1. Kbela e o Cinema Negro Brasileiro**

Kbela, de Yasmin Thayná, enquadra-se no gênero Cinema Negro, definido pelo Manifesto Dogma Feijoadada (DE, 2005), como resultante de condições que extrapolam a simples temática, contemplando aspectos ligados à feitura do filme:

- 1) O filme tem que ser dirigido por um realizador negro; 2) o protagonista deve ser negro; 3) a temática do filme tem que estar relacionada com a cultura negra brasileira; 4) o filme tem que ter um cronograma exequível; 5) personagens estereotipados, negros ou não, estão proibidos; 6) o roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro; 7) super-heróis ou bandidos deverão ser evitados (CARVALHO, 2005, p. 96).

O conceito cinema negro ainda causa inquietações, tendo gerado grande impacto na mídia, desde o lançamento do manifesto em 1999. Para alguns críticos, o movimento era uma simples imitação do Dogma 95 — movimento cinematográfico lançado pelos cineastas Lars von Trier e Thomas Vinterberg, que propunha a criação de um cinema mais simples, anti-ilusionista e antiautoral — outros acusam o movimento de racismo às avessas. Jefferson De, idealizador do conceito, foi largamente criticado e o movimento acusado de golpe de *marketing* de autopromoção. Para o movimento negro, entretanto, o conceito constitui uma



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

5

conquista importante, pois o Manifesto Dogma Feijoada abriu a discussão sobre a possibilidade de um cinema brasileiro feito por negros e negras, criando uma agenda mínima para pensar o cinema negro brasileiro (CARVALHO, 2014, p. 22) .

Para nós, mulheres negras, a principal contestação é que, por mais revolucionário que tenha sido o Manifesto Dogma Feijoada, ele não contemplou a categoria de gênero, deixando de fora a questão das mulheres negras no cinema. Passados quase vinte anos do seu lançamento, faz-se necessária uma revisão que contemple o fazer Cinema Negro no Feminino do qual o filme KBELA é um representante.

Kbela é um filme é realizado por uma mulher negra; protagonizado por mulheres negras; sua temática está relacionada à cultura negra brasileira, por trazer um tema especialmente caro às mulheres negras, em seu processo de construção identitária, que é o cabelo como elemento ligado à consciência da ancestralidade e da beleza negra.

### **1.1 Realização**

O curta foi produzido a partir do conto “MC Kbela”, de Yasmin Thayná, estudante negra de comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 anos, publicado no livro *Flupp - 43 novos autores*, em novembro de 2012, durante a Festa Literária Internacional das Periferias (FLUPP). O conto retrata o processo doloroso de entendimento e aceitação da negritude no período da infância e adolescência.

O filme, que traduz em outra linguagem o drama narrado no conto foi iniciado em 2013, pela própria diretora e realizadora, em conjunto com amigas e amigos, Debora Dantas, Erica Magni, Luana Dias, Saulo Martins, Felipe Drehmer e Bruno F. Duarte. Para a diretora, trata-se de uma obra colaborativa, viabilizada por meio de doações e empréstimos de materiais. O dinheiro arrecadado no financiamento coletivo foi utilizado para pagar alimentação, transporte e estadia da equipe nos dias de gravação em um castelo em Santa Tereza, no Rio de Janeiro. A seleção



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

6

das atrizes e não atrizes que atuam no filme foi feita por meio de um anúncio de convocação para mulheres negras participarem de uma produção independente, na internet. Para compor o elenco, também foi convidada uma atriz transexual para atuar, pois, para a cineasta, não é possível enfrentar o racismo sem discutir o transfeminismo negro.

Em entrevista ao portal Geledés, Yasmin Thayná revela sua intenção de dialogar com a tradição cinematográfica negra brasileira:

KBELA é um filme inspirado na linguagem do filme *Alma no Olho*, do grande e importante cineasta negro brasileiro Zózimo Bulbul. Quando vi esse filme, pirei, o cara fez o que fez no filme quando eu não era nem nascida. Zózimo era um grande inventor, um grande articulador de linguagem cinematográfica. Ele já hackeava antes mesmo da internet chegar no Brasil. Era um verdadeiro hacker, no sentido de combinar coisas, de reinventar, de hackear mesmo o cinema caretão, sabe? (Portal Geledés, 2015).<sup>3</sup>

Thayná dá continuidade ao legado deixado por Zózimo, cuja militância influenciou a produção de diretores e diretoras negros e negras no Brasil, assegurando-lhe o título de pai do Cinema Negro Brasileiro, por se incumbir de preencher com sua arte, lacunas e silêncios ancestrais, pois

Toda sua produção cinematográfica está vinculada à militância e ao compromisso com a população negra. Zózimo foi o primeiro modelo negro a assinar uma grife de alta-costura, trabalhou até novembro de 2012 em seu segundo longa metragem, que não chegou a concluir. *Alma no Olho* (1973), o primeiro filme dirigido pelo diretor Zózimo Bulbul inspira-se no livro escrito pelo líder dos Panteras Negras, Eldridge Cleaver, *Alma no exílio*, publicado originalmente em 1968. Por meio de pantomimas, Zózimo conta a história do negro desde o período colonial escravocrata até os anos do Movimento Black Power (SOUZA, 2016, p. 76).

Ao habitar uma área ainda marcada pela predominância de homens e homens brancos, a jovem diretora encara o que Nilma Lino Gomes considera um dos desafios do intelectual negro que é:

romper com estruturas opressoras, de construir novas categorias analíticas e literárias através da criação. Isso o impele a não somente incorporar a língua e as categorias colonizadoras ou hegemônicas, mas problematizá-las e apontar os seus limites.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.geledes.org.br/yasmin-thaynakbela-o-negro-e-o-unico-individuo-no-brasil-que-precisa-se-assumir-enquanto-sua-propria-racaetnia/> . Acesso em 17 nov 2016.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

7

Com essa atitude, o intelectual assume a sua própria voz, a sua fala, a sua cultura e a do seu grupo racial (GOMES, 2010, p. 505). Para arrematar o conceito de Cinema Negro no Feminino no que tange à sua produção, cumpre informar que o curta foi realizado por meio de financiamento coletivo que arrecadou cinco mil reais, confrontando modelos convencionais de produção cinematográfica, com um produto cuja finalização e qualidade técnica são inegáveis, atendendo, assim, ao quesito, cronograma exequível; o número de mulheres negras à frente e por trás das câmeras, construindo um cinema politicamente engajado e, fora da estereotipia, consolida o quinto mandamento do manifesto; atende ao sexto e ao sétimo mandamentos, por privilegiarem o negro comum brasileiro, evitando as representações extremas de super-heróis ou bandidos, trazendo representações fortes de conflitos e afetos ligados à ancestralidade negra.

## **1. Temática**

O cabelo crespo é um cabelo político  
porque ele é rejeitado o tempo todo.  
Yasmin Thayná

A apreciação dos aspectos internos do filme, como temática, fotografia e música, objetiva relacioná-lo ao gênero Cinema Negro no Feminino, buscando, então, identificar os recursos mobilizados para abordagem da temática a que se propõe. Iniciamos identificando em linhas gerais as características do gênero curta metragem que

[...] equipara-se ao conto na literatura ou ao haicai na poesia: trata-se de uma forma breve e intensa de contar uma história ou expor um personagem [...] Esse formato de cinema tem como principais características a precisão, a coerência, a densidade e a unidade de ação ou impressão parcial de uma experiência humana (MOLETTA, 2009, p. 17-18).

Do ponto de vista operacional, por sua brevidade, o curta metragem mostra-se um excelente recurso pedagógico para o trabalho em sala de aula, instando a reflexão sobre estratégias de distribuição e circulação desse produto, para que



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

8

ele possa chegar até as escolas, sem aviltar a dignidade profissional dos seus produtores e equipe.

Quanto à estrutura, *Kbela* não apresenta uma narrativa linear que permita identificar exatamente uma história ou um personagem. Entretanto, é possível identificar uma narratividade mínima e uma progressão, considerando que o tema é a transição capilar. Desse modo, podemos dividir o curta em duas partes, a primeira parte que apresenta imagens relacionadas ao sofrimento vivido por mulheres na sua relação com seu cabelo e a segunda em que essa situação pode é e revertida, a partir da conversão do cabelo, signo de subalternidade, em ícone de beleza e resistência, por meio de um processo em que o que humilha e faz sofrer é convertido em elemento de empoderamento. Esse processo no filme é construído pelo resgate da ancestralidade em que mulheres cuidando dos cabelos umas das outras se conectam por uma prática de cuidados longeva, embaladas pela melodia de forte apelo religioso.

A palavra que dá nome ao filme, *Kbela*, é um neologismo, uma palavra-valise que agrega inúmeros significados, tais como: feminino de cabelo, jogando com o modo como se constroem as categorias de gênero na nossa língua; referência à princesa Bela dos contos de fadas, renovando assim o lugar comum da princesa branca, dócil e bela, símbolo da cultura patriarcal.

A cena inicial do filme traz uma transexual com uma frase da feminista Simone de Beauvoir, gravada, em espanhol, do lado esquerdo do peito, saindo do decote: “*No se nace mujer*”, a transcrição dessa máxima do feminismo europeu no corpo tornado mulher da transexual brasileira constitui um procedimento de tradução das questões do feminismo para um contexto temporal e geográfico outro, pós-colonial, em que a questão de gênero, vista para além do binarismo homem/mulher se amalgama fortemente à questão racial: também não se nasce negra, torna-se negra, se pensarmos a partir das reflexões de Neusa Santos (1983), no campo da psicanálise, sobre o delicado processo de constituição



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

9

identitária negra, diante da rejeição social que, muitas vezes leva a processos de auto rejeição.

Identificamos no filme um procedimento que nomearemos desmetaforização. Trata-se da representação de forma direta de certos dizeres metafóricos eivado de preconceito a fim de, por meio do choque dessa realidade representada de forma nua e crua, levar o espectador a refletir sobre os absurdos que a garoa da metáfora pode encobrir.

Esse procedimento ocorre na cena em que uma mulher negra utiliza o cabelo crespo como “Bombril<sup>4</sup>” para arear panela: a delicadeza do gesto, a beleza do cabelo, contrasta com a grosseria do xingamento de que são alvo cabelos crespos e/ou encaracolados, impactam o espectador, remetendo-nos ao texto de bell hooks<sup>5</sup>, quando essa afirma:

Apesar das diversas mudanças na política racial, às mulheres negras continuam obcecadas com os seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Insistem em se aproveitar da insegurança que nós, mulheres negras, sentimos com respeito a nosso valor na sociedade de supremacia branca! (HOOKS, 2005, p.1)

O outro momento em que esse recurso é utilizado é a cena que alude ao processo de branqueamento, que resulta numa das passagens mais belas do filme: uma das personagens esfrega uma tinta branca no rosto e no colo com as duas mãos, num gesto sincronizado que remete a um ritual de pintura de corpos, reforçado pela expressão quase desesperada da atriz que esfrega rosto e colo com vigor. Ao final a tinta retrai, deixando a pele negra livre da mácula do branco com que se queria cobrir.

A segunda parte do curta como já dissemos traz situações e espaços em que o cabelo crespo é valorizado em

---

<sup>4</sup> Marca brasileira de produtos de higiene e limpeza doméstica; seu principal produto é uma lâ de aço, que se usa na limpeza de panelas. A associação com cabelos crespos representados por diversas personagens garantiu à empresa fabricante a conquistar cerca de 90% do mercado de lâ de aço no país.

<sup>5</sup> A autora grafa seu nome em letras minúsculas, tendo optado por essa grafia porque, segundo ela, o foco das pesquisas deve-se concentrar na escrita e não no nome de quem as produz.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

10

[...] contextos familiares em que se preserva a memória ancestral africana, alguns espaços da militância política, os salões étnicos, entre outros. Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que pertence. Ao atingi-lo, acaba remetendo, às vezes de forma consciente e outras não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil (GOMES, 2003).

Poderíamos ainda falar do silêncio que marca a primeira parte do filme e dos diálogos presentes na segunda parte, do discurso da mulher negra falando positivamente de sua alegria de se olhar no espelho, falar da música, da valorização da indumentária étnica, da riqueza da dança negra tribal em conexão com manifestações da cultura urbana, com o funk, o “passinho”, mas não há espaço para tanto e tiraríamos do espectador o prazer da descoberta.

Ficamos com a interrogação: hoje, quase 20 anos após a promulgação da lei 10.639<sup>6</sup>, a escola figura entre os espaços de revalorização da estética do corpo negro e do cabelo crespo?

## **REFERÊNCIAS**

- ANDRADE, Mário de. **Garoa do meu São Paulo**. 1944. Disponível em: <<http://mario-de-andrade.blogspot.com.br/2009/05/garoa-do-meu-sao-paulo.html>>. Acesso em: 29 nov. 2016.
- CARVALHO, Noel dos Santos. Negritude, cinema e educação, Dogma Feijoada e Manifesto do Recife dez anos depois. In: SOUZA, Edileuza Penha de. (Org.). v. 3. **Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003**. Belo Horizonte: Mazza, 2014.
- DE, Jeferson. **Dogma feijoada: o cinema negro brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.
- CÂNDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Raça e Gênero no Cinema Brasileiro (2002-2014). In. A Cara do Cinema Nacional: perfil de gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros. Disponível em: <<http://gema.iesp.uerj.br/dados/mapa-das-acoes-afirmativas/itemlist/category/43-infografico.html>>. Acesso em: 17 nov. 2016.
- COSTA, Claudia de Lima. Feminismo e tradução cultural: sobre a Colonialidade do gênero e a Descolonização do saber. **P: Portuguese Cultural Studies**, Netherlands, v. 4, p.41-65, 2012. Anual. Disponível em:

---

<sup>6</sup> Assinada em 9 de janeiro de 2003, a Lei 10.639 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.



I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

11

<<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEFOUR/PVOLUMEFOURPAPERS/P4COMPLETE.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

GOMES, Nilma Lino. "Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira". In: SOUSA SANTOS, Boaventura de & MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez: 2010. p. 492-516.

\_\_\_\_\_. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.167-182, 2003. Semestral. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022003000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012)>. Acesso em: 15 nov. 2015.

HOOKS, Bell. *Alisando o nosso cabelo*. Revista Gazeta de Cuba, Unión de escritores y artistas de Cuba, jan./fev. 2005. Tradução Lia Maria dos Santos. (Mimeografado)

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em Vídeo Digital**: Uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de barro**: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade, 2013. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2013

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Eduardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

Yasmin Thayná. MC Kabela. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-7DHF3S/tese.pdf?sequence=1>. Acesso 15 nov 2016. 9-11.

Yasmin Thayná. Somos todas Mc k\_belas. Disponível em [http://www.brasilpost.com.br/yasmin-thayna/somos-todas-mc-kbelas\\_b\\_4661107.html](http://www.brasilpost.com.br/yasmin-thayna/somos-todas-mc-kbelas_b_4661107.html). Acesso 15 nov 2016.

KBELA. Direção de Yasmin Thayná. Produção de Douglas Bolzan. Roteiro: Yasmin Thayná. Rio de Janeiro: 2015. (23 min.).